

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

“For fabulous
Regency flavor, witty
and addictive, you
can’t go past Anne Gracie.”
—Stephanie Laurens,
New York Times
bestselling author

The Perfect Kiss

Anne Gracie
Award-winning author of *The Perfect Stranger*

Amante Cigano (The perfect kiss)

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

RESUMO

Inglaterra, 1826

Para salvar a amiga, ela terá de entrar na toca do lobo...

Depois de três anos tentando arrumar namorado, Gracie não conheceu nenhum cavalheiro que fizesse seu coração palpitar. Então começou a sonhar com uma vida de aventuras, como ver o sol se pôr atrás das pirâmides do Egito e dançar em meio às ruínas na Grécia. Antes, porém, ela precisa ajudar uma amiga a se safar de um noivo indesejável...

Melly foi prometida em casamento a Dominic Wolfe, que receberá por herança uma vasta propriedade no dia em que se tornar chefe de família. Quando ela pede ajuda a Gracie para escapar do casamento, esta decide atuar como uma acompanhante enfadonha e insossa, na visita da amiga ao noivo. Mas algumas surpresas aguardam as duas jovens... Para começar, Dominic é o homem mais charmoso e atraente que Grace já viu na vida, e parece estar mais interessado nela do que na noiva! E Grace começa a achar cada vez mais difícil continuar representando seu papel...

Digitalização: Sílvia

Revisão: Mel

Querida leitora,

Grace Merridew perdeu as esperanças de encontrar um amor e decide viajar, mas antes ela precisa ajudar uma amiga que está apavorada diante da idéia de se casar com seu prometido, o infame Dominic Wolfe. Dominic vai herdar uma vasta propriedade quando se casar, mas ele está interessado mesmo é na amiga de sua noiva. Grace não tem papas na língua e não tem medo de Dominic. Nunca antes uma mulher o enfrentou daquele modo, e ele

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

decide fazer valer sua fama, jurando a si mesmo que irá seduzir aquela mulher, custe o que custar. Grace é uma jovem de personalidade forte e determinada, mas conseguirá resistir aos encantos do sedutor Dominic...?

Vire a página e confira!

Leonice Pomponio Editora

TRADUÇÃO Nancy Alves

Copyright © 2007 by Anne Gracie Originalmente publicado em 2007 pela The Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM THE BERKLEY PUBLISHING GROUP

NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Perfect Kiss

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Nancy Alves Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

CE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Prólogo

Dereham Court, Norfolk, Inglaterra, 1814

Você é uma menina muito má! Os gritos do avô ecoavam pelo cômodo e enchia de raiva o pequeno coração de Grace Merridew. Embora aflita, ela o ouvia com uma postura altiva.

— Irá morrer na miséria e na sujeira, sozinha e sem amor. Nem mesmo os vermes vão querer comer esse seu corpo corrupto!

— Eu serei amada! — Grace rebateu, sentindo lágrimas nos olhos. — Minha mãe disse que sim!

— Ah, aquela à-toa!

— Ela não era uma à-toa! Mamãe se tornou um anjo, e está nos observando neste exato momento. E antes de morrer prometeu a mim e a minhas irmãs que nós seríamos amadas e felizes. E vamos ser! O senhor não poderá impedir, porque um anjo é mais forte do que um homem velho que vive cuspidando, falando palavrões e cheira mal!

O homenzarrão avançou sobre ela, de punhos fechados. Grace tremia, apavorada. O avô ia matá-la! Nunca antes desafiara a tanto. Preparou-se para o desfile de impropérios que se seguiria e também para os prováveis golpes que os acompanhariam.

Por isso, o silêncio a surpreendeu. E quando ele tornou a falar foi ainda pior, porque não estava gritando. Ao contrário, falava baixinho, quase como num carinho:

— A cretina da sua mãe pode ter prometido amor e felicidade para suas irmãs mais velhas. Mas jamais prometeu isso a você.

— Prometeu, sim! — Grace rebateu, mesmo sem se lembrar da mãe, confiando apenas no que as irmãs lhe tinham dito.

— Não. Ela não poderia. Não a você.

— Por que não?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

O avô levou a enorme mão até os cabelos da menina, numa falsa carícia.

— Porque você a matou, Grace. E uma mulher não faz uma promessa assim a uma filha que a está matando.

Os olhos dela se arregalaram.

— Como assim? Não matei minha mãe—murmurou, quase chorando.

— Você era um bebê, por isso não lembra, mas matou, sim. Matou a imbecil e veio morar com o vovô. Isso a torna minha, e não de sua mãe.

Grace se desvencilhou da mão dele.

— Não! Vou perguntar a minhas irmãs. Não matei minha mãe!

— E acha que elas lhe diriam uma verdade assim tão dura? Afinal, não pode mais trazê-la de volta, não é? — Ele riu, com tremenda perversidade. — Claro que vão lhe dizer que estou mentindo; mas não estou.

Grace achou que iria pôr para fora o conteúdo do estômago. E ele continuava, cheio de ódio:

— Você matou sua mãe, menina. E é por isso que morrerá sozinha e sem amor!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo I

Shropshire, Inglaterra, 1826

Dominic Wolfe cavalgava para dentro da aldeia levando o coração pesado pelo desejo de vingança. A toda velocidade em seu garanhão branco, chamava a atenção das pessoas, mas mantinha-se indiferente ao interesse geral. Saltou do animal diante da taverna e para lá se dirigiu. Uma cadela branca, de manchas pretas, o seguiu, exausta.

Três senhores idosos se sentavam no banco do lado de fora, à sombra de uma árvore. Uma criança magra e em farrapos veio atendê-lo aos gritos:

— Posso ajudar, senhor? Pegar-lhe uma cerveja, talvez? Ou água para seu cavalo? Para seu cachorro?

Ele se voltou, deixando ver sua alta estatura.

— Que estrada devo pegar para chegar ao Castelo de Wolfestone?

— O castelo, senhor? Mas o sr. Eades se foi há...

— Ei, Billy Finn, não incomode o cavalheiro com boataria da aldeia! — exclamou um homem corpulento que surgiu e afastou o garoto com um safanão. Abrindo um sorriso ao recém-chegado, ofereceu:—Uma bebida, senhor? Tenho cerveja boa, fresca. Ou, se preferir, a comida é ótima. Minha mulher faz uma torta de carne deliciosa!

O estranho o ignorou, falando com o menino:

— Qual estrada devo tomar?

O pequeno, que dava água à cadela, olhou para o dono da estalagem e apontou para a bifurcação que se podia ver dali.

— Por ali. Do lado direito. Não há como errar. O dono do lugar olhou feio para o menino.

— Não há ninguém...

Mas o estranho o interrompeu jogando uma moeda de prata ao garoto e se afastou, tornando a montar.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— O que ele pode querer no castelo? — O estalajadeiro cocou a cabeça, vendo-o tomar a direção indicada pela criança.

O mais velho dos dois senhores do banco assentiu.

— Você nunca teve bons olhos para coisa alguma, Mort Fairclough. Não o reconheceu?

— Pois se nunca o vi antes!

— Não notou seus olhos? Castanho-claros e frios. Com olhos assim e cabelos negros como carvão, está claro que só pode ser um Wolfe de Wolfestone!

Algumas pessoas já tinham se aproximado, e um murmúrio de susto se fez ouvir. Uma moça comentou, ainda vendo o cavalo ao longe, levantando atrás de si uma onda de poeira:

— Ah, ele é, sem dúvida, muito bonito! Adoro homens, grandes, com esse ar de seriedade, de maldade até. Adoraria saber se é assim tão mau de verdade...

— Pois estou mais interessado em que tipo de Wolfe ele é — continuou o ancião. — Tem havido senhores naquele castelo por mais de seiscentos anos, e existem apenas duas espécies deles: bons ou maus. E o destino de nossa aldeia depende disso.

Como naquele momento todos tinham se reunido em torno dele, o velhinho continuou, sempre assentindo, muito devagar:

— Só temos tido maus Wolfe desde que a maioria de vocês nasceu, mas quando eu era rapaz... Aquele senhor era bom! O melhor. Por isso fico imaginando como será esse aí.

— Acho que ele vai ser bom. — Billy Finn sorriu, cheio de confiança, apertando com força a moeda em sua palma.

O dono da taverna o olhou de soslaio ao opinar:

— Ser mão aberta não significa ser bom, rapazinho. O velho lorde era perdulário quando lhe interessava, mas ruim como uma cobra. — E, com desprezo, cuspiu para o lado.

Uma idosa que saiu de entre a multidão também teve sua vez de se manifestar:

— Devemos esperar a Dama de Cinza.

Billy Finn se apressou a separar um banco para ela.

— Quem é ela, vovó?

Vovó Wigmore acomodou no banco seu corpo desgastado e suspirou.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— A guardiã destes vales. Será ela quem garantirá bons tempos para nós, o povo. Quando a Dama de Cinza vier, o grande Wolfe será bom. Mas não tem aparecido ultimamente.

Vovô Tasker acrescentou, cheio de sabedoria:

— Minha mãe viu a dama certa vez, quando era menina. Toda vestida de cinza e montando um cavalo branco. Cavalgava de madrugada e era elegante e delicada como a neblina.

— Quando a Dama de Cinza vier, o Wolfe será domado— repetiu, sorridente, a velhinha.

O estalajadeiro tornou a fitar a bifurcação da estrada e meneou a cabeça.

— Não sei de nenhuma dama, de cinza ou de qualquer outra cor. E não acho que ela possa domar aquele homem. Nunca vi olhar tão frio num ser humano antes. Fez com que eu pensasse no demônio, Deus que me perdoe!

— Tolice. Ele é um Wolfe, afinal — corrigiu vovô Tasker.

— Hugh Lupus tinha olhos assim.

— E quem é esse? — interessou-se Billy.

— Não sabe? Hugh Lupus foi o primeiro lorde d'Acre. Veio com Guilherme, o Conquistador, é o que dizem. Um sujeito feroz, sem sentimentos. E com olhos gelados. — Recostou-se na parede da taverna. — Uma tempestade se aproxima. Posso senti-la em meus ossos.

A carruagem alugada seguia em velocidade de quebrar pescoços. A poeira subia da estrada batida e entrava pelas janelas, atingindo os passageiros, mas o dia estava quente demais para se pensar em fechá-las. Além do mais, a poeira era o menor dos problemas de quem ali viajava.

As pessoas se seguravam nas tiras de couro que pendiam das paredes do veículo, e eram sacolejadas sem parar, sem conseguir ficar um segundo inteiro paradas nos assentos.

— Mandarei demitir esse insolente assim que voltarmos a Londres! — vociferava sir John Pettifer, referindo-se ao cocheiro, a quem já tinha recomendado que fosse mais devagar quando pararam para a troca de cavalos. Mas o homem não demonstrava estar disposto a atender ao pedido de um velhote empertigado que se mostrara mão fechada quanto a

CE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

gorjetas.

Grace Merridew se agarrava a sua tira de couro, cerrando os dentes. Sabia muito bem que a questão com o cocheiro ia além de insolência. Vira-o sorvendo grandes goles de uma garrafinha que trazia presa por baixo do paletó, e, quanto mais bebia, mais rápido dirigia, e mais perigoso se tornava o trajeto para todos ali.

No entanto, como devia manter-se praticamente invisível, Grace nada disse. Sua amiga, Melly Pettifer, implorara que viesse, e ela, num momento de insanidade, concordara.

No entanto, Grace jamais a vira tão desesperada. Ao reencontrá-la e receber a notícia sobre seu futuro casamento, teve de amparar a amiga, pois Melly logo irrompera em lágrimas e soluços de fazer dó. Agora, via-a sentada a sua frente, segurando-se como podia. Pobre Melly! Estava verde. Passara mal por três vezes já.

E o que era para ser a viagem de casamento se tornava um verdadeiro inferno. Melly deveria estar casada dentro de algumas semanas com um homem que jamais vira, chamado Dominic Wolfe, lorde d'Acre, do Castelo de Wolfestone. E o pior fora descobrir que estava noiva dele desde os nove anos de idade! E só então resolveram lhe contar!

Ao que tudo indicava, Dominic Wolfe voltara à Inglaterra pela primeira vez em mais de dez anos. Não retornara sequer para o funeral do pai, mas sir John ouvira dizer que ele regressara e que se mostrava interessado em entrar em contato para acertarem o matrimônio.

Tudo certo perante a lei e os costumes. Melly não tinha voz ativa. Sir John acertara os pormenores com o antigo lorde d'Acre anos atrás. Tinham ambos assinado os documentos necessários ao acordo, e uma grande quantia em dinheiro passara de uma mão à outra; dinheiro esse que sir John gastara havia tempos; portanto, não poderia devolver. Aliás, os problemas financeiros da família Pettifer eram de conhecimento geral. Na verdade, a maior preocupação de sir John fora que o atual lorde Wolfe jamais retornasse à Inglaterra, ou tivesse se casado no exterior. Mas, como voltara ainda solteiro, o casamento haveria de acontecer.

Melly se desesperou ao saber da novidade, mas acabou aceitando a idéia. Não tinha pretendentes, visto que era pobre, simples e muito tímida. Bem, pelo menos, o novo lorde Wolfe era jovem.

Grace, por sua vez, avaliava a surpresa que o nobre deveria ter tido ao retornar. Viera

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

para reclamar sua propriedade e descobrira que, com ela, vinha também uma noiva. Afinal, Dominic contava apenas dezesseis anos quando o contrato fora assinado entre seu pai e o de Melly.

E aquele era exatamente o problema: Dominic Wolfe não queria uma noiva. Tinha outros interesses que Melly não conhecia muito bem.

Sir John, todavia, não queria que a filha fosse privada de seus direitos. O contrato era legal e deveria ser levado a cabo. E a única forma de lorde Wolfe herdar sua propriedade seria se casando com Melly. Isso ficara muito claro no testamento de seu pai. Dominic só ficaria livre do compromisso se Melly viesse a falecer ou estivesse incapaz de contrair matrimônio. E mesmo assim ele teria de desposar uma noiva que fosse aprovada por sir John.

Os advogados de lorde d'Acre tinham averiguado os papéis, mas, ao que parecia, tudo estava em ordem. Assim, Dominic teve de concordar com o enlace. No entanto, numa carta recebida por Pettifer dois dias antes, dizia, com muita frieza, que aquele casamento seria apenas *pro forma*. Ele e a noiva se separariam logo após a cerimônia. Dominic possuía uma frota de navios e não tinha planos de viver na Inglaterra.

Melly estava atordoada. A situação a colocaria numa casa em Londres, com muito dinheiro, mas sem a possibilidade de vir a ser mãe. Isso era o que mais a atormentava. E por esse motivo implorara a Grace que a ajudasse. E, como eram amigas de infância, e Grace sempre protegera Melly de crianças e jovens que a atormentavam por sua timidez, vira-se mais uma vez na situação de fazer o que pudesse pela querida amiga.

Assim, envolvera-se naquela terrível viagem, usando roupas cinzentas e simplórias, com botas que lhe subiam até metade das canelas, disfarçada em dama de companhia de Melly. Podia, ao contrário, estar indo para o Egito com a sra. Cheever, uma viúva abastada, prima do sr. Henry Salt, cônsul-geral da Grã-Bretanha no Cairo e perito em antigüidades egípcias. Com conhecidos assim tão interessantes, Grace esperava passar momentos maravilhosos. O Egito era sua maior paixão desde pequena.

Mas, pelo visto, teria de deixar as pirâmides para outra ocasião.

Mais sacolejos, barulhos e cocoricós, e muitas penas entrando pela janela. O infeliz cocheiro dera de encontro com um bando de galinhas! Não refreara os cavalos, e assim algumas das pobres aves devia ter sido morta no impacto.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

